

Texmoque reabilitada

Savama

Por Marcelino Silva, 2/12/94

O Projecto de Reabilitação da Texmoque — Têxtil de Moçambique — foi já concluído. As suas obras custaram ao governo moçambicano sete milhões e 370 mil dólares americanos. O empreendimento durou 15 meses.

Técnicos chineses estiveram envolvidos nas obras de reabilitação cujo estudo inicial foi efectuado há cinco anos, incluindo a reabilitação das máquinas de tecer e as de estampar nas ultimações. Com o andar dos tempos, foram surgindo dificuldades técnicas que ditaram o adiamento da aquisição dos teares e as máquinas de estampar provenientes da China.

Por estas dificuldades, a cooperação chinesa ocupou-se das máquinas de fição, serralharia, ultimações, novas caldeiras, tratamento de soda cáustica, tanque de água, para além dos produtos químicos e auxiliares, estes últimos para a laboração de um ano.

O embaixador da China em Moçambique procedeu à entrega formal da fábrica ao vice-ministro da Indústria e Energia, e este, por sua vez, ao Conselho da Administração da Texmoque, mas ainda falta a montagem das caldeiras à diesel em substituição das à carvão, então utilizadas. A não montagem, durante a reabilitação, é apontada como

estando a dever-se a razões estratégicas que ainda não foram especificadas. Em falta está nas ultimações, uma máquina de estampar e a respectiva fotogravura para dar mais vida e beleza à produção da capulana, um produto muito procurado pelas mulheres, principalmente as das zonas rurais africanas.

A direcção da Texmoque explicou que as obras de reabilitação estavam previstas para um ano. O excesso de burocracia, agravado pela falta de definição a dar ao projecto por parte do governo moçambicano, dificultou o relacionamento com as Alfândegas, entidades portuárias e outros, que contribuíram para o atraso da conclusão das obras. A própria Texmoque também não tinha definido a sua comparticipação, apesar de haver, no contrato com os chineses, responsabilidades repartidas.

O dinheiro disponibilizado pelo governo moçambicano, a Texmoque deverá reembolsá-lo logo que reiniciar a sua actividade, prevista para breve, e começar a produzir com rentabilidade, mas não foram determinados os prazos. As actuais capacidades de produção anual da Texmoque ainda continuam no segredo dos Deuses, por parte da direcção da empresa.

O projecto, embora se considere concluído nas

áreas previamente definidas — fição, ultimações e as áreas chamadas de apoio outras determinantes da rentabilização da fábrica, como os teares à altura do resto reabilitado, constituem um nó de estrangulamento. Os técnicos chineses e moçambicanos fiscalizaram juntos as obras de reabilitação da produção da fábrica têxtil e ambas partes consideram que a qualidade de montagem do equipamento está excelente. Contudo, continua em risco a sorte dos cerca de mil trabalhadores que a fábrica emprega, dado que terá que fazer uma selecção a pente fino para responder às actuais exigências do trabalho.

A Texmoque foi fundada em 1973, concebida com equipamento cuja substituição se previa após cinco anos. Volvidos hoje vinte anos a operar com o mesmo equipamento já envelhecido, em condições anti-económicas e a custos de produção muito elevados, estes inviabilizaram a competição com as suas congéneres e privaram os trabalhadores dos seus salários durante longos meses seguidos.

A empresa chegou mesmo a não ter fundos não só para salários dos trabalhadores como também para o pagamento de despesas locais como água, luz e telefones. Empresas proprietárias destes serviços não fizeram mais nada senão cancelar o seu fornecimento

à Texmoque. Mais adiante começou-se a pagar em prestações até à liquidação total das dívidas contraídas.

Seguidamente eclodiram sucessivas greves dos trabalhadores exigindo os salários atrasados, embora eles não estivessem a trabalhar, pelo menos a maior parte, devido à falta de energia eléctrica ou mesmo as avarias constantes do equipamento em estado avançado de obsolescência. Pelo que parece, está-se a caminhar, apesar de ser a passos lentos,

para a época das vacas gordas.

A reabilitação da fábrica coincide com o incremento da cultura do algodão, a principal matéria prima, na província de Nampula após longos anos de declínio de produção em consequência da guerra, por um lado, e a falta de compradores, por outro, que originaram quase o abandono total dos camponeses. O pessoal ligado ao sector agrícola acredita aqui em Nampula que nesta campanha, quantidades consideráveis do ouro branco estão a ser comercializadas nas

tradicionais áreas a ele destinadas.

Tem-se assistido ao surgimento de empresas mistas e privadas apostadas no fomento da cultura de algodão na província e são os casos da Lomaco, Samo, Sodam, João Ferreira dos Santos, Empresa de Algodão de Nampula-nova gestão e outras também que mostraram-se interessadas com o mesmo objectivo, depois do Estado ter deixado o monopólio desta cultura, em consequência dos últimos resultados obtidos pelas antigas empresas Estatais do algodão. ■